

O ÓLEO DO BICHO DO CAROÇO DO TUCUMÃ (*SPECIOMERUS RUFICORNIS GERMAR*)

Valorização dos Saberes Tradicionais

Juliane do Socorro Mendonça Pereira

Graduada em licenciatura em Ciências Naturais (UFPA), especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (NUMA/UFPA), Mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM/UFPA) e atualmente cursando doutorado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM/UFPA). Interesses em pesquisas relacionadas a caracterização físico-química de óleos amazônicos, populações tradicionais e saberes tradicionais.
<https://orcid.org/0000-0001-9606-9958>.
E-mail ju_spm@yahoo.com.br.

Aquiles Simões

Docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM) do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Dr. em Ciências Sociais pela Universidade de Toulouse II. Bolsista de Produtividade DT do CNPq. Coordenador do Grupo de Estudos Diversidade Socioambiental na Amazônia (GEDAF).
<https://orcid.org/0000-0003-2194-6594>.
E-mail aqsimoes@pq.cnpq.br.

Voyner Ravena Cañete

Possui Graduação em Bacharelado em História (1991), Mestrado em Antropologia Social (2000) e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (2005) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Associada II da Universidade Federal do Pará (UFPA/Brasil), vinculada ao Núcleo de Ecologia Aquática e Pesca (NEAP). Atua no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca (PPGEAP/UFPA), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA) e no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB/UFPA).
<https://orcid.org/0000-0001-8528-3086>.
E-mail ravenacanete@gmail.com.

Resumo: O óleo do bicho do caroço do tucumã é um produto extrativista não madeireiro extraído da larva de besouro *Speciomerus ruficornis germar*. Este conhecimento é comumente realizado por comunidades localizadas no arquipélago do Marajó, tal como Saracá, localizada geograficamente ao norte do município de Ponta de Pedras-PA, onde a atividade é realizada a décadas, passando por modificações quanto à forma de utilização e inserção de novas ferramentas, porém sem perder seu valor tradicional. Este artigo tem por objetivo apresentar o saber do óleo do bicho segundo relatos de moradores da comunidade Saracá, a fim de propiciar valorização e possibilidade de salvaguarda do saber, justificado por relatos de perda do interesse em meio aos mais jovens. A pesquisa se classifica como estudo de caso, considerando

como procedimentos de coleta, análise bibliográfica e visitas de campo nos anos de 2019 e 2020, contando com instrumentos como: diário de campo, câmera fotográfica, questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas e realização de entrevistas com os principais produtores. Os resultados possibilitaram verificar a importância do produto para a comunidade em aspectos, econômico, social, ambiental e cultural, assim como confirmação da perda de interesse por parte da população mais jovem.

Palavras-chave: Óleo do bicho do caroço do tucumã; Comunidade Tradicional; Saber Tradicional.

Abstract: Tucumã stone bug oil is a non-timber extractive product extracted from the beetle larva *Speciomerus ruficornis* germar. This knowledge is commonly carried out by communities located in the Marajó archipelago, such as Saracá, geographically located to the north of the municipality of Ponta de Pedras-PA, where the activity has been carried out for decades, undergoing changes in the form of use and insertion of new tools, but without losing their traditional value. This article aims to present the knowledge of animal oil according to reports from residents of the Saracá community, in order to provide appreciation and the possibility of safeguarding, since this knowledge has been losing its importance among the youngest. The research is classified as a case study, considering as collection procedures, bibliographic analysis and field visits in the years 2019 and 2020, with instruments such as: field diary, photographic camera, semi-structured questionnaire with open and closed questions and carrying out interviews with the main producers. The results made it possible to verify the importance of the product for the community in terms of economic, social, environmental and cultural aspects, as well as confirmation of the loss of interest on the part of the younger population.

Keywords: Tucumã stone bug oil; Traditional Community; Traditional Knowledge.

INTRODUÇÃO

O arquipélago do Marajó foi considerado, a partir da Constituição do Estado do Pará de 1989 em seu Art. 13, parágrafo 2º, Área de Proteção Ambiental (APA Marajó). Tal área envolve 12 municípios que se dividem em duas microrregiões: a) Arari - que compreende os municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure; b) Furos de Breves - que compreende os municípios de Afuá, Anajás,

Breves, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista, somando um total de 5.904.400ha (BRASIL, 2020).

No Marajó residem inúmeras comunidades tradicionais (COSTA e SOBRINHO, 2016), espaços socioculturais onde a economia se organiza segundo o uso dos recursos naturais. Estes povos possuem características próprias, construídas a partir da relação estabelecida com o lugar (DIEGUES, 1996). Os saberes tradicionais são transmitidos oralmente ao longo das gerações, fazendo de tais conhecimentos identidade cultural (MORAES, 2011).

Um dos grandes desafios na manutenção da cultura repassada ao longo das gerações e preservação dos ecossistemas locais se dá através do contato entre comunidades tradicionais e o meio urbano/industrial, que muitas vezes pressiona para mudanças, ocasionando a depreciação dos saberes (LITTER, 2004), contribuindo para o enfraquecimento da cultura, seja por exigir que o conhecimento se expanda a qualquer custo ou por fazer com que este seja substituído por outro considerado mais vantajoso (MARQUES, 2009).

Dentre os produtos extrativistas não madeireiros presentes na microrregião do Marajó, se destaca o tucumã-do-Pará que pertence à família da *Arecaceae*, tendo por nome científico *Astrocaryum vulgare mart*, popularmente conhecido por tucumanzeiro. Seus frutos e sementes são muito apreciados como alimento por pessoas e animais, e as sementes na confecção de artesanato, além de suas folhas e estirpes utilizadas no passado para construção de casas (FERREIRA *et al*, 2008).

A palmeira do tucumã possui um crescimento lento, chegando até a 8 anos para poder dar frutos, e sua densidade é difícil de ser calculada por se tratar de uma palmeira nativa de ocorrência irregular (SHANLEY e MEDINA, 2005). Em estudos realizados acerca dos seus possíveis polinizadores, foram identificados os besouros (coleópteros) como principal espécie responsável por essa ação, com destaque para duas famílias presentes na região do Marajó: *nitidulidae* e *curculionidae* (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

Além da relação entre palmeira e besouro, se encontra neste ciclo a ação antrópica. O besouro coloca seus ovos sobre os caroços do tucumã e, no começo do estágio larval, adentra estes, utilizando o caroço como moradia e fonte de alimento; após alguns meses (em média 3 meses), no final de seu estágio larval, este é retirado para obtenção do “óleo do bicho”, utilizado na atualidade como produto medicinal por comunidades tradicionais.

Nas últimas décadas, a busca por qualidade de vida tem feito com que pessoas do meio urbano busquem por produtos naturais, a fim de promover uma mudança de hábitos, estreitando as fronteiras entre comunidades tradicionais e urbanas. A comunidade Saracá vivencia este novo cenário, tendo que buscar alternativas para suprir a crescente demanda. Essas

mudanças levantam alguns questionamentos, tais como: o aumento na demanda pelo óleo pode provocar uma exploração do recurso natural de maneira a causar desequilíbrio no ecossistema local? Que outros fatores podem ser influenciados por essa aproximação rural e urbano? Nessas perspectivas este artigo objetiva apresentar o saber tradicional da extração do “óleo do bicho” na comunidade Saracá, fazendo uso das falas dos próprios moradores, com a premissa de contribuir para a valorização e salvaguarda do saber tradicional.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

Falar sobre saber tradicional implica dialogar diretamente acerca das populações detentoras dele, marcado pela oralidade, repassado ao longo das gerações e com relação direta com a natureza. Tais conhecimentos definem grupos sociais como “populações tradicionais” ou “comunidades tradicionais”. O Decreto 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades tradicionais de 7 de fevereiro de 2007, entende tais povos como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas, gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

No cenário atual, onde muito se fala na busca por alternativas de preservação da biodiversidade, as comunidades tradicionais e povos indígenas são vistos como espelhos a serem seguidos, uma vez que se entende que, por se encontrarem em meio a floresta e dela retirarem grande parte do que utilizam para sua subsistência, são conservacionistas por natureza. Entretanto Cunha e Almeida (2006), chamam a atenção para esta visão:

Durante muito tempo, existiu entre antropólogos, conservacionistas, governantes e as próprias populações tradicionais aquilo que um antropólogo chamou, em outro contexto, de "mal-entendido útil". Esse mal-entendido gira em torno do que se pode chamar de essencialização do relacionamento entre as populações tradicionais e o meio ambiente. Um conjunto de ideias que representam os grupos indígenas como sendo naturalmente conservacionistas resultou no que tem sido chamado de "o mito do bom selvagem ecológico". É óbvio que não existem conservacionistas naturais, porém, mesmo que se traduza "natural" por "cultural", a

questão permanece: as populações tradicionais podem ser descritas como "conservacionistas culturais"? (Cunha e Almeida, 2006, p. 12).

As comunidades tradicionais podem ou não apresentar ideologias conservacionistas, não existe uma regra para tal questão. Desta forma, aproveitam os recursos disponíveis da maneira a conseguir o necessário à uma vida tranquila, além de aproveitarem a sazonalidade e oportunidades de ganhos econômicos, assim sendo, se sentem livres tendo em vista a relação de pertencimento com o lugar.

De acordo com Leff (2001) no que diz respeito ao lugar:

O ambiente constitui-se em uma visão das relações complexas e sinérgicas gerada pela articulação dos processos de ordem física, biológica, termodinâmica, econômica, política e cultural. Este conceito ressignifica o sentido do habitat como suporte ecológico e do habitar como forma de inscrição da cultura no espaço geográfico (LEFF, 2001, p. 89).

As relações que se estabelecem com o lugar, assim como com os recursos naturais disponíveis neste, são fatores para observações, práticas e surgimento de ideias, propiciando a construção de identidades. Tais dinâmicas revelam que não há uma imutabilidade no conhecimento (CUNHA, 2009).

Considerar um saber como tradicional não implica dizer que este não sofrerá mudanças ao longo dos anos. Em verdade, à medida que uma prática é transmitida e se identifica que há necessidade de inserção de novas ferramentas, mudanças no período de sua realização, ou mesmo uma nova divisão de trabalho, essa prática pode ser alterada e tal alteração não retira sua tradicionalidade (MORAES, 2011).

Diegues (2000) compreende a importância da oralidade para a perpetuação dos saberes:

Conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social (DIEGUES *et al.*, 2000 p. 54).

O Marajó é o lugar onde habitam inúmeras comunidades tradicionais e, conseqüentemente, saberes tradicionais que se ligam a estas e o lugar. O óleo do bicho do caroço do tucumã é um desses muitos saberes. A fêmea do besouro

Speciomerus ruficornis germar põe os ovos sobre os caroços e, ao início do estágio larval, este se aloja no interior deles, se alimentando e utilizando como abrigo até atingir o estágio final de seu desenvolvimento, dando origem ao besouro e saindo deste casulo temporário. Entretanto, antes do final do estágio larval, é retirada para obtenção do óleo, conhecido popularmente como “óleo do bicho” (BARBOSA *et al*, 2016; ROCHA *et al*, 2014).

A relação entre besouro e palmeira vai além de fonte de alimento e abrigo. Em estudos realizados, se descobriu que o besouro (coleóptero) é o principal polinizador do tucumã-do-Pará, sendo identificadas duas famílias mais recorrentes na região do Marajó: *nitidulidae* e *curculionidae* (OLIVEIRA *et al*, 2003). O cenário revela um ciclo onde se encontra palmeira, besouro e comunidades tradicionais, com dinâmicas que ora se interligam e em outras se confrontam.

METODOLOGIA

O artigo é resultado do estudo para obtenção de título de mestre em Sustentabilidade e Desenvolvimento Local na Amazônia no Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM), pertencente ao Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). A pesquisa está vinculada ao NEA GEDAF (Grupo de Estudos sobre Diversidade da Agricultura Familiar), possuindo cadastro no SISGEN (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado), submetido ao procedimento administrativo de verificação CGen (Conselho de Gestão do Patrimônio Genético), não apresentando irregularidades, possuindo nº de cadastro A275F81 e tendo por responsável Aquiles Vasconcelos Simões.

A pesquisa se classifica como estudo de caso por escolher uma única comunidade como lócus de pesquisa, tomando por procedimentos de coleta, análise bibliográfica e visitas de campo nos anos de 2019 e 2020, e instrumentos como: diário de campo, câmera fotográfica, questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas e realização de entrevistas com os principais produtores. Tendo por prioridade a valorização do saber tradicional e respeito em retratar as etapas do processo de extração segundo moradores locais.

O primeiro contato com a comunidade se deu por meio de intermediadora (moradora e estudante do curso de Ciências Naturais-UFPA), esta fez o primeiro contato para saber se os moradores se sentiriam confortáveis em contribuir com a pesquisa. Tendo resposta positiva, foi

encaminhado termo de consentimento, assinado pelos principais extratores do óleo, assim a pesquisa avançou para atividades de campo. Foram realizadas duas visitas de campo com duração de 4 e 5 dias, respectivamente; na primeira foram acompanhadas todas as etapas do processo de extração do óleo e na segunda aplicação de questionário e realização de entrevistas.

O lócus escolhido pela pesquisa foi a comunidade Saracá, tendo por justificativa a forte relação da comunidade para com o saber do óleo do bicho. Ela está localizada geograficamente ao norte do município de Ponta de Pedras, no estado do Pará, as margens do rio Arari, e apresentando como população 52 famílias, aproximadamente (BARBOSA *et al.*, 2016). Para chegar à comunidade se faz necessário o uso de embarcações como: lanchas, barcos e balsas, em uma viagem que pode variar de 2h e 30 min a 6h considerando Belém como local de partida e os diferentes meios de transportes.

Assim como outras comunidades marajoaras, em Saracá a alimentação e economia são baseadas na extração do açaí em período de safra, pequenas criações de animais (com destaque para suínos) e produção de óleos medicinais, com destaque para o óleo do bicho do caroço do tucumã (*Speciomerus ruficornis germar*). A comunidade não dispõe de atendimento regular de saúde, desta forma, faz uso constante de produtos medicinais (com destaque para o óleo do bicho) para atendimento em caráter básico, tendo que se deslocar para Ponta de pedras em casos mais graves de falta de saúde.

O mapa 1 abaixo mostra a localização geográfica do município de Ponta de Pedras, no estado do Pará, destacando a localização da comunidade Saracá em vermelho:

Mapa 1: Localização geográfica.

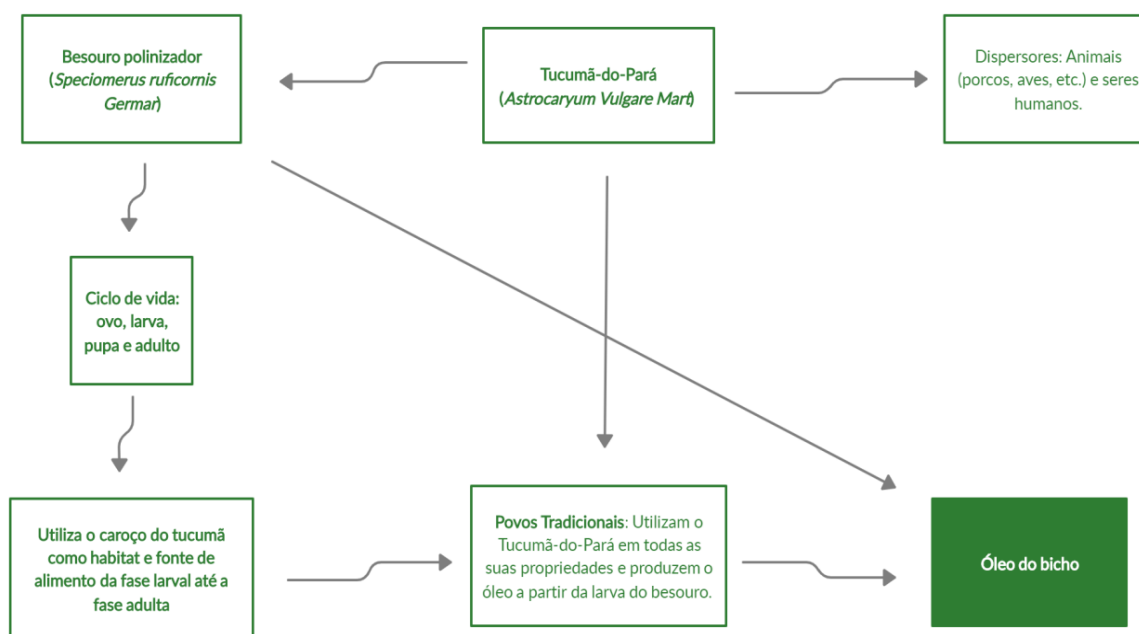


Fonte: Equipe LARC (NUMA/UFPA).

ANÁLISE DE DADOS

No fluxograma abaixo, estão representadas as relações existentes no cenário estudado, no que se refere relações com o óleo do bicho:

Fluxograma 1: Relações existentes entre palmeira, besouro e comunidades tradicionais



Fonte: Elaborado para a pesquisa

O fluxograma 1 foi elaborado segundo fontes primárias e secundárias, informações coletadas nas visitas de campo e bibliografia consultada ao longo do desenvolvimento e revisão da pesquisa, retratando a dinâmica existente entre tucumanzeiro, besouro e populações tradicionais.

No quadro 1 estão representadas as etapas do processo de extração do óleo do bicho do caroço do tucumã, considerando divisão do trabalho entre sexo e ferramentas utilizadas:

Quadro 1: Síntese das etapas do processo de extração descritas pelos moradores da comunidade Saracá.

Etapa do processo	Responsável	Ferramentas
Coleta dos caroços	Família	Sacola e paneiro
Quebra dos caroços	Homem/Mulher	Facão, tronco e forquilha
Limpeza das larvas	Mulher	Escorredor
Fritura das larvas	Mulher	Panela de alumínio e fogão a lenha
Filtragem e armazenamento do óleo	Mulher	Coador de pano e garrafa pet

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Os moradores da comunidade afirmam que o óleo já se encontra presente no meio deles há algumas décadas, tendo sua forma de utilização mudado ao longo desse período até chegar ao uso medicinal de forma exclusiva. Por meio de relatos, foi construído o quadro 2 abaixo, como representação da trajetória do óleo do bicho:

Quadro 2: Mudanças quanto a forma de utilização do "óleo do bicho" ao longo do tempo.

1950	1975	1995	2016
Observações	Fritura de alimentos	Fritura e	Uso Medicinal
Lubrificante de máquinas		Uso Medicinal	

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

O quadro 2 foi elaborado para a pesquisa segundo moradores de Saracá pertencentes a duas famílias (total de pessoas a contribuírem, 7 adultos com faixa etária de 35 a 62 anos), por meio de visita técnica em 2020. Foram estabelecidas gerações com alternância de 25 anos em padronização com dados demográficos.

DISCUSSÃO

Para tecer a discussão de maneira a mostrar os processos de extração segundo moradores, optou-se por fazer uso das falas deles como referência, alinhadas ao referencial teórico pertinente e utilizado como base no estudo.

No que se refere a etapa de coleta dos caroços, segundo uma moradora:

Os caroços eram coletados antigamente só perto das casas, mas agora a gente vai até perto de Cachoeira. Tem muitas palmeiras na nossa região e, com a procura maior pelo óleo, é um bom negócio buscar em outras áreas (Moradora da comunidade, 2019).

A fala da moradora apresenta dois pontos importantes a serem analisados: o primeiro diz respeito a ampliação da área a ser explorada em virtude do aumento na procura pelo óleo; o segundo, à mudança no olhar do extrativista sobre o produto e a possibilidade de beneficiamento, como apresenta Cunha e Almeida (2006):

Embora a "cultura tradicional" tenha promovido a conservação no passado, as necessidades induzidas pela articulação com a economia de mercado irão levar inevitavelmente a mudanças culturais e à superexploração dos recursos naturais. De fato, com certeza haverá mudanças, mas não necessariamente superexploração. Pois o que a situação equilibrada anterior ao

contato também implica é que, dadas certas condições estruturais, as populações tradicionais podem desempenhar um papel importante na conservação (CUNHA e ALMEIDA, 2006).

O aumento na procura pelo óleo se apresenta para a comunidade como uma possibilidade de renda extra, e a exploração de outras áreas para suprir a demanda é perfeitamente compreensível, haja vista que são povos que aproveitam a sazonalidade para sua subsistência, entretanto, com o aumento das áreas a serem exploradas, surgem algumas preocupações quanto a conservação do ecossistema, o que necessita de estudo direcionado para uma resposta precisa.

Para a coleta dos caroços considera-se algumas observações, segundo os moradores:

Os caroços que apresentam furos correspondem aqueles onde vamos encontrar o bicho; outra coisa que notamos é o peso dos caroços, se estiver muito pesado, as vezes não foi usado pelo besouro, então não tem bicho e pode ainda ter a amêndoa (Moradora da comunidade, 2019)

Para a produção de um litro de óleo é preciso pelo menos um paneiro de caroços, por isso que a coleta não acontece em um único dia. A gente já sai de casa com uma sacola, vai achando caroços pelos caminhos e já guarda, outras vezes reúne toda a família e sai catando. As crianças gostam de catar os caroços, é um momento de estar junto e bater muito papo (morador da comunidade, 2019).

Quanto ao rendimento, é observado que necessita de uma grande quantidade de caroços para obtenção de um litro do óleo, o que justifica o fato de muitas famílias não realizarem a extração por considerarem muito trabalhosa. É importante ressaltar que existe comercialização dentro da comunidade, logo, mesmo os que não extraem fazem uso.

No que se refere a etapa de quebra dos caroços, segundo morador:

A gente quebra os caroços fora da casa, usando tronco de madeira com furo para apoiar, facão e forquilha feita de galho de árvore. Antigamente a gente só usava o facão e o tronco, mas já aconteceu muito de cortar a mão, então inventamos a forquilha e o furo no tronco para ficar melhor e mais seguro, agora até mulher quebra (Morador da comunidade, 2019).

Nas fotografias 1 e 2 se apresentam ferramentas utilizadas na etapa correspondente a quebra dos caroços:

Fotografia 1: Facão e tronco utilizados no processo de quebra dos caroços



Fonte: Petrus Alcantara (junho de 2019).

Fotografia 2: Forquilha inserida ao processo para evitar acidentes com o manuseio do facão



Fonte: Petrus Alcantara (junho de 2019).

A inserção das ferramentas ao processo demonstra como este é passível de mudanças, o que não implica perda de identidade do saber, se tratando de um processo natural pela identificação da necessidade de corrigir ou melhorar as etapas, garantindo segurança e melhor aproveitamento do recurso natural (CUNHA e ALMEIDA, 2006).

Após as etapas de coleta e quebra, os caroços são submetidos a limpeza para retirada dos vestígios das cascas dos caroços presentes. As larvas são colocadas em um recipiente plástico ou panela e lavadas com água. De acordo com morador:

Os bichos são lavados para retirar a sujeira que fica dos caroços, assim o óleo fica mais puro. A gente lava bem com água, escorre

em um escorredor e, depois com um pano limpo, seca bem! Aí é só colocar na panela e fritar até começar a soltar o óleo. Os restos de caroços a gente usa para espantar carapanã, é só queimar que a fumaça já afasta eles. A gente aproveita tudo do tucumã, do fruto até o resto dos caroços (Morador da comunidade, 2019).

Por meio da fala dos moradores compreende-se o cuidado na produção do “óleo do bicho”, para que este não apresente resíduos provenientes do caroço, além de revelar o aproveitamento das sobras do caroço do tucumã, o que atribui ao processo valor quanto ao uso e aproveitamento do recurso, com zero desperdício.

Após lavadas, é hora de extrair o óleo, isso é feito por meio do aquecimento das larvas em fogão a lenha, como apresentado por morador:

Após lavar e secar os bichos com pano, é hora de fritar! O aquecimento é feito em fogo a lenha, em panela de alumínio. Ao ir aquecendo a banha vai soltando, é importante não parar de mexer para evitar que queime ou grude no fundo da panela (Morador da comunidade, 2019)

Ao final da fritura ficam algumas sobras do bicho, e com isso fazemos a paçoca do bicho. É uma mistura de farinha coada com o resto de bicho que fica no fundo da panela, fica crocante, todos gostam bastante, as crianças já ficam esperando para comer (Moradores da comunidade, 2019).

Na fotografia 3 apresenta o processo de fritura para extração do óleo, onde também é possível observar os olhos curiosos da criança:

Fotografia 3: Fritura das larvas para extração do óleo do bicho



Fonte: Petrus Alcantara (junho de 2019).

A descrição da etapa de fritura, juntamente com a fotografia, revelam o processo como familiar, com todos os membros presentes. As diferentes gerações na imagem fazem referência a transferência do conhecimento tradicional que se dá nas práticas do dia a dia, através das atividades e oralidade (DIEGUES, 2000).

A finalização do processo se dá com a filtragem e armazenamento do óleo do bicho, como apresentado pelo morador:

Depois de fritar os bichos, é só coar no pano o óleo para ficar sem lascas da pele do bicho. Quando já foi coado, a gente coloca em garrafa pet e leva ao sol a garrafa pet para apurar, e fica lá durante o dia. Depois de tudo isso, o óleo está pronto para ser vendido (Morador da comunidade, 2019).

Finalizado o processo de extração, o produto está pronto para à venda. Esta era feita pela figura masculina no passado, entretanto, nos últimos anos as mulheres vêm assumindo esta etapa, muitas vezes ao irem à cidade de Ponta de Pedras para comprar mantimentos ou para atendimento médico, levam o produto. A comercialização fora da comunidade é feita por meio do que se conhece por “encomendas”, logo, antes mesmo da extração do óleo, já há compradores certos.

CONSIDERAÇÕES

O óleo do bicho é um produto extrativista não madeireiro, passando de uso doméstico para a possibilidade de famílias obterem uma renda extra, se tratando de um saber transmitido de geração em geração, tendo em seu processo de extração ao longo dos anos a inserção de novas ferramentas e adequação quanto ao período de realização do processo, tal qual divisão do trabalho que vem mudando a partir das novas ferramentas e dando destaque para as mulheres, estas passando a assumir atividades tidas como masculinas no passado, como a exemplo da quebra dos caroços e comercialização do produto final.

A comunidade Saracá é composta de aproximadamente 52 famílias, das quais apenas 5 realizam a extração do óleo do bicho. Entretanto, todas fazem uso do produto, desta forma, se infere duas questões importantes: a primeira quanto ao valor cultural do produto, reconhecido por todos como de extrema importância e principal no atendimento de enfermidades em caráter básico; a segunda quanto a possibilidade de identificar de forma clara a presença de relações comerciais dentro da própria comunidade.

Com a procura do óleo por outras comunidades e o meio urbano, as famílias que realizam sua extração passaram a ampliar sua área de

exploração, entretanto, como a atividade é realizada apenas nos meses de maio e junho, pode não representar riscos para as populações de besouros, polinizadores do tucumã-do-Pará. Porém, sugere-se estudo específico para determinar se há ou não impacto sobre o meio ambiente por meio da ação antrópica.

As gerações mais jovens não apresentam o mesmo interesse pela prática da extração que os mais velhos, o que desperta preocupação. Entretanto, se observa que, mesmo considerando o processo trabalhoso e não tendo o interesse em realizar a prática, todos sabem as etapas para extração e fazem uso do óleo, o que demonstra que mesmo os que dizem não ter interesse, consideram o saber como importante.

Tendo em vista a dinâmica de extração do óleo do bicho do caroço de tucumã ao longo das décadas, a inserção de novas ferramentas que demonstram que este não é estático, a divisão do trabalho com destaque para a figura feminina e mudanças quanto as formas de utilização, assumindo a função medicinal de forma exclusiva, além de sua relevância econômica como importante fonte de renda no período de safra e na saúde como principal alternativa em caráter básico, se reconhece o saber como parte importante na história do povo ao qual pertence, desta forma é de suma importância a valorização e salvaguarda dele, possibilitando o seu acesso pelas futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, HERMIDIA; NEVES, GLEYCIANE; ALCANTARA, PETRUS. **EXTRAÇÃO DO ÓLEO DO BICHO DO CAROÇO DO TUCUMÃ NA COMUNIDADE SARACÁ. PONTA DE PEDRAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS) – FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2016.**

BRASIL. **DECRETO NO 6.040 DE 07 DE FEVEREIRO DE 2007. INSTITUI A POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS. BRASÍLIA. DIÁRIO OFICIAL, 2007.**

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **INFORMAÇÕES SOBRE MUNICÍPIOS BRASILEIROS. DISPONÍVEL NO SITE: HTTP://WWW.CIDADES.IBGE.GOV.BR. ACESSADO EM 07 DE JANEIRO DE 2020.**

COSTA, EURYANDRO RIBEIRO; SOBRINHO, MÁRIO VASCONCELLOS. **CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E A PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: O CASO DA FLORESTA ESTADUAL DO AMAPÁ. BELÉM: DISSERTAÇÃO (PPGEDAM) – NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011.**

CUNHA, MANUELA CARNEIRO; ALMEIDA, MAURO BARBOSA. **POPULAÇÕES INDÍGENAS, POVOS TRADICIONAIS E PRESERVAÇÃO NA AMAZÔNIA**. BELÉM: ARTIGO PUBLICADO EM BIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL E ESTADO DE LIBERDADE, 2006, P. 4-12.

DIEGUES, ANTÔNIO CARLOS. **A SÓCIO ANTROPOLOGIA DAS COMUNIDADES DE PESCADORES MARÍTIMOS NO BRASIL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA**. SÃO PAULO: CENTRO DE CULTURAS MARÍTIMAS – CEMAR, 1996.

DIEGUES, ANTÔNIO CARLOS. **OS SABERES TRADICIONAIS E A BIODIVERSIDADE NO BRASIL**. SÃO PAULO: NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE POPULAÇÕES HUMANAS E ÁREAS ÚMIDAS BRASILEIRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (NUPAUB-USP), 2000.

FERREIRA, EDERLAN DE SOUZA; LUCIEN, VITÓRIA GEORGINA; AMARAL, ANDRÉ SIQUEIRA; SILVEIRA, CATIA DA SILVA. **CARACTERIZAÇÃO FÍSICO-QUÍMICA DO FRUTO E DO ÓLEO EXTRAÍDO DO TUCUMÃ**. ARARAQUARA: ALIM. NUTR., v.19, n.4, p. 427-433, 2008.

LEFF, HENRIQUE. **SABER AMBIENTAL: SUSTENTABILIDADE, RACIONALIDADE, COMPLEXIBILIDADE E PODER**. SÃO PAULO: EDITORA VOZES, 2001.

LITTLE, PAUL. **TERRITÓRIOS SOCIAIS E POVOS TRADICIONAIS NO BRASIL: POR UMA ANTROPOLOGIA DA TERRITORIALIDADE**. BRASÍLIA: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO, 28(1), P. 251-290. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB), 2004.

MARQUES, FLÁVIA CHARÃO. **VELHOS CONHECIMENTOS, NOVOS DESENVOLVIMENTOS: TRANSIÇÕES NO REGIME SOCIOTÉCNICO DA AGRICULTURA. A PRODUÇÃO DE NOVIDADES ENTRE AGRICULTORES, PRODUTORES DE PLANTAS MEDICINAIS NO SUL DO BRASIL**. PORTO ALEGRE: TESE (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL). FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – UFRGS, 2009 P. 31-37.

MORAES, SÉRGIO CARDOSO DE. **CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA PESCA ARTESANAL**. GOIÂNIA: ATELIÊ GEOGRÁFICO, V.5, N.2. P.12, 2011.

OLIVEIRA, MARIA DO SOCORRO PADILHA DE; COUTURIER, GUY; BESERRA, PAULO. **BIOLOGIA DA POLINIZAÇÃO DA PALMEIRA TUCUMÃ (ASTROCARYUM VULGARE MART.) EM BELÉM, PARÁ, BRASIL**. BELÉM: EMBRAPA, 2003.

PARÁ. **CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 5 DE OUTUBRO DE 1989**. GOVERNO DO ESTADO. PARÁ, 1989.

DISPONÍVEL: [HTTPS://WWW.SISTEMAS.PA.GOV.BR/SISLEIS/LEGISLACAO/228#:~:TEXT=O%20PAR%C3%A1%20PROCLAMA%20O%20SEU,INICIATIVA%20E%20NO%20PLURALISMO%20POL%C3%ADTICO](https://www.sistemas.pa.gov.br/sisleis/legislacao/228#:~:TEXT=O%20PAR%C3%A1%20PROCLAMA%20O%20SEU,INICIATIVA%20E%20NO%20PLURALISMO%20POL%C3%ADTICO).

ROCHA, TAINÁ TEIXEIRA; TAVARES-MARTINS, ANA CLAUDIA CALDEIRA; LUCAS, FLÁVIA CRISTINA ARAÚJO. A; MARTINS, R. C. C. **POTENCIAL TERAPÊUTICO E COMPOSIÇÃO QUÍMICA DO ÓLEO DO BICHO DO TUCUMÃ (ASTROCARYUM VULGARE MART.) UTILIZADO NA MEDICINA POPULAR**. PARÁ: SCIENTIA PLENA, VOL. 10, N. 11, 2014.

SHANLEY, PATRÍCIA; MEDINA, GABRIEL. **FRUTÍFERAS E PLANTAS ÚTEIS NA VIDA AMAZÔNICA**. BELÉM. CENTRO PARA A PESQUISA FLORESTAL INTERNACIONAL – CIFOR. INSTITUTO DO HOMEM E MEIO AMBIENTE DA AMAZÔNIA – IMAZON, 2005.